

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO: A INDEPENDÊNCIA OU MORTE DE PEDRO AMÉRICO

Cláudia Valladão de Mattos – Revista História Viva

Em 1885, morando na Florença, Pedro Américo recebeu a notícia da construção de um monumento memorial à Independência na colina do Ipiranga e se ofereceu para realizar um painel retratando o evento, para ser colocado dentro do edifício. Não é difícil reconhecer na obra de Pedro Américo a versão difundida pelo padre Belchior:

“Dom Pedro caminhou alguns passos (...) de repente estancou-se já no meio da estrada dizendo-me: padre Belchior, eles querem, terão a sua coroa. (...) De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal. Respondemos imediatamente com entusiasmo: - Viva a liberdade! Viva o Brasil separado! Viva d. Pedro II! (...) O príncipe, diante da guarda, [arrancou] do chapéu o laço azul e branco (sic), decretado pelas Cortes como símbolo da nação portuguesa, atirando-o ao chão, dizendo: - Laços fora soldados! Viva a Independência do Brasil! (...) desembainhou a espada, no que foi acompanhado pelos militares; os paisanos tiraram os chapéus. E d. Pedro disse: - Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil. – Juramos, respondemos todos! D. Pedro (...) ficando de pé nos estribos: - Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será Independência ou Morte! Firmou-se nos arreios, esporeou sua bela besta baia e galopou, seguido por seu séquito, em direção a São Paulo”.



Ao enfatizar a ação heróica de d. Pedro I **1**, Pedro Américo compôs um quadro que reagia às circunstâncias postas por seu próprio tempo. Valorizando a imagem do pai de d. Pedro II como líder da nação, seu quadro visava contribuir para a estabilização da imagem de um império em crise, às portas de sua extinção.



Olhemos então o quadro. A composição apresenta uma organização rigorosamente geométrica, marcada por dois grandes semicírculos, que evoluem respectivamente do centro da tela, para a direita e para a esquerda, em direção à base da pintura. Ao longo desses semicírculos se dá a distribuição das figuras e demais elementos da narrativa. Deslocando ligeiramente para a esquerda, em segundo plano, vemos d. Pedro I, levantando a espada, seguindo por cavaleiros de seu séquito, que saúdam o gesto acenando com chapéus e lenços **2**. Ao longo do semicírculo à esquerda, um caipira pára seu carro de boi para observar a cena **3**.

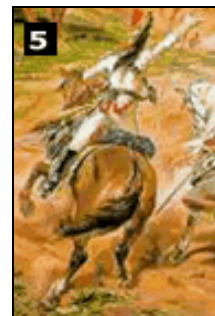
O caipira é a figura de identificação do observador, tanto por sua posição, quanto por seu tamanho e proximidade. O artista apresenta d. Pedro como um estadista determinado, que não mede esforços para realizar seu ideal. A associação com Napoleão é evidente, o que se confirma também pela semelhança da composição de “Independência ou Morte!” com a versão da “Batalha de Friedland” **4** pintado por Ernst Meissonier, hoje pertencente ao Metropolitan Museum de Nova York.



A Representação da grandeza de d. Pedro I expressa-se formalmente na obra através do desnível (real e simbólico) entre o caipira e o príncipe, mas principalmente pela estrutura narrativa da composição. Frente a frente com d. Pedro, um pouco acima do riacho situado na base do quadro, encontramos um cavaleiro da sua Guarda de Honra, que, dando as costas ao espectador, responde ao brado do príncipe arrancando de sua farda o laço vermelho e azul que simbolizava a união entre o Brasil e a metrópole **5**. O eixo formado por essas duas figuras constitui o núcleo discursivo básico da representação.

À direita do quadro vemos a guarda e d. Pedro, que, tomada de surpresa pela chegada inesperada do príncipe, procura rapidamente montar seus cavalos e entrar em formação **6**. Pedro Américo impingiu grande movimento à massa de figuras que compõem essa mentalidade de tela, caracterizando a ansiedade e a tensão que precederam a proclamação da independência, assim como o entusiasmo com que foi recebida.

A obra representa o desfecho dramático de um acontecimento heróico, concebido como resultado da bravura de um só homem, o qual, com o seu exemplo, fundaria uma nova ordem política e moral. Esta, por sua vez, também já se encontrava esboçada no quadro, correspondendo de perto aos ideais da elite do Império e às idéias do próprio imperador d. Pedro II.



A composição deixa vislumbrar uma estrutura piramidal de poder, na qual a noção de soberania encontra-se associada à preservação de uma elite política e intelectual, sintetizada na figura do monarca, e apoiada por um exército poderoso. Nesta estrutura o “povo brasileiro”, representado pelo caipira, não tem nenhum papel ativo a desempenhar depositando de bom grado seu destino nas mãos do soberano. Quão distante estava essa imagem da real condição vivida por d. Pedro III!

Na década de 1880, o imperador, doente e esgotado, procurava manter vivo um império em crise e na iminência de seu desaparecimento. A abolição da escravidão, em 1888, rompera a aliança do governo com as elites do império. Já a insubordinação dos militares, insatisfeitos com sua posição social após a Guerra do Paraguai, e cooptados pelos positivistas e republicanos, compunha um quadro que poderia ser considerado o avesso da representação de Pedro Américo. Certamente a imagem de um soberano determinado, forte e capaz de controlar seus súditos era bem-vinda naquele momento, como forma de compensar a realidade que saía do controle. De fato, a República se aproximava.

O quadro de Pedro Américo é, sem dúvida, um testemunho de seu tempo. O tratamento do tema explica-se mais pelo contexto do Segundo Império do que por sua fidelidade aos eventos que levaram à Independência do Brasil.

A posição que a obra passou a ocupar a partir de 1895 no interior do Palácio-Monumento construído por Bezzi no Ipiranga deu-lhe um lugar especial na memória da nação. Sua presença continuada no espaço que se tornou o epicentro das comemorações cívicas da Independência ajudou a destacar a imagem de seu contexto de criação, dando a ela uma aura de “verdade”. Em sua posição estratégica, no coração do Museu, tornou-se peça-chave para a consolidação do 7 de Setembro como a data por excelência do nascimento do Brasil, legitimando uma história que começou de forma bem diferente. (fonte: Revista Historia Viva, no. 33, agosto de 2007 <www.historiaviva.com.br>).

Obras concorrentes ao quadro “Independência ou Morte” como símbolo da emancipação Brasileira

Marcos Faber – História Livre



Proclamação da Independência (1844) de René Moreaux

O quadro “Proclamação da Independência”, óleo sobre tela, pintado em 1844 por René Moreaux, foi durante quase todo o Império a imagem oficial da proclamação da Independência do Brasil.

Curiosamente o quadro retrata d. Pedro I em meio à população que o saúda, imagem bem diferente da pintada por Pedro Américo, onde o povo, representado pelo caipira, apenas observa passivamente o ato heróico de d. Pedro I.

Hoje, o quadro está exposto no Museu Imperial em Petrópolis, Rio de Janeiro.



Aclamação de d. Pedro I no Campo de Santana (1839) de Debret

A pintura “Aclamação de d. Pedro no Campo de Santana”, litografia colorida, pintada em 1839 por Jean-Baptiste Debret, retrata o dia 12 de outubro de 1822 quando d. Pedro I foi aclamado como o Imperador do Brasil. Durante muito tempo esta data foi considerada oficial como símbolo da emancipação política brasileira.

Das três obras aqui analisadas, esta é a que foi pintada mais próximo do dia 7 de setembro de 1822, pois Debret a criou apenas 17 anos após o ocorrido, enquanto que Pedro Américo finalizou seu quadro em 1888, ou seja, a apenas um ano do final do Império, pois a República foi proclamada em 15 de novembro de 1889.

O quadro faz parte de uma coleção particular.